

# PRESIDENTE JOAQUIM CHISSANO TERMINA VISITA À TUNÍSIA

N. 31/5/93

## ● Chefe do Estado regressou na tarde de ontem ao país

O Presidente Joaquim Chissano regressou ao fim da manhã de ontem a Maputo, no termo de uma visita oficial de três dias à Tunísia, onde havia chegado na última sexta-feira, ido do Gabão, país em cuja capital o líder moçambicano participou na II Cimeira Africana/Afro-Americana, que decorreu de 24 a 28 deste mês.

Quer num, como noutra país, Chissano centrou a sua acção numa minuciosa explicação do processo de paz que decorre há mais de sete meses no nosso país, bem como na busca de mecanismos que concorram para o estabelecimento ou incremento da cooperação entre Moçambique e outros países.

Para além de ter discursado formalmente e usado de palavra, de improviso, nos debates que caracterizaram aquela cimeira, Chissano manteve à sua margem vários encontros com outros estadistas e várias personalidades do mundo da política e dos negócios.

O cômputo geral desses encontros "foi positivo", segundo revelou à AIM um dos membros da delegação do Chefe do Estado moçambicano e que integrava entre outros, o Ministro Pascoal Mocumbi, bem como os embaixadores Isac Murargy e Francisco Madeira.

Entre esses encontros, destaque vai para um que Chissano teve quarta-feira durante mais de uma hora com o novo Subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, George Moose.

À saída desse encontro, realizado na casa onde o Chefe do Estado moçambicano se encontrava hospedado, Moose repetiu três vezes diante dos jornalistas moçambicanos que a sua reunião com Chissano tinha sido "maravilhosa".

Visivelmente satisfeito, Moose disse que "discutimos muitos temas, muitos, mas principalmente o processo de paz em Moçambique".

Ele mostrou-se confiante no processo moçambicano e incluindo na componente que se refere especificamente às reformas político-económicas que têm estado a decorrer no país sob a liderança de Chissano.

No discurso que proferiu no dia seguinte ao do seu encontro com o líder moçambicano, Moose diria que a administração Clinton, de quem ele próprio faz parte, só dará apoio aos governos que se mostrarem seriamente envolvidos e determinados a promover a democracia, diálogo e direitos humanos.

Ele disse que o seu Governo compreende que na realização destes valores haja momentos em que se registem incidentes de percurso, mas que o que a Casa Branca quer ver é que na sua prossecução esteja evidente que "há seriedade e determinação" em isso se conseguir.

"Os governos que agirem deste modo terão o nosso apoio", diz Moose nesse seu discurso de 13 páginas e em que tentou espelhar a política da nova administração norte-americana em relação à África.

Nessa sua intervenção, Moose apontou Moçambique e a Somália como sendo aqueles países onde o papel pacificador das Nações Unidas tem sido coroado de êxito, elogiando esse facto e

apontando como devendo servir de exemplo.

Moose anunciou na altura a concessão este ano de 800 milhões de dólares aos países que, como Moçambique, são considerados como dos mais pobres na região subsahariana de África. Ele disse que este dinheiro será canalizado numa base bilateral, mas que o seu país irá canalizar a título multilateral também a favor desses mesmos países, cerca de meio bilhão de dólares para a assistência humanitária.

Moose esteve em Libreville principalmente como um dos participantes

à cimeira supracitada na sua qualidade de afro-americano interessado na busca de soluções para os problemas que afectam África. Nos anos 60, ele esteve na Tanzânia integrado numa brigada de afro-americanos que naquele país estiveram a construir escolas.

No discurso que Chissano proferiu na quinta-feira perante os participantes à Cimeira de Libreville, ele voltou a reafirmar a determinação do seu Governo em levar a bom termo o processo de democratização do país, bem como a consolidação da paz.

Chissano disse que o seu Governo

está pronto a fazer tudo que estiver ao seu alcance em prol destes e outros objectivos que visam o bem-estar do povo moçambicano.

Ele apontou questões financeiras para a concretização de certos programas inerentes aos processos de democratização e paz como sendo alguns dos "calcanhares de Aquiles" que poderão retardar a marcha.

O líder moçambicano renovou o seu apelo à comunidade internacional no sentido de canalizar apoios ao país. Ele apontou como uma das razões disso a existência de cerca de oito milhões de moçambicanos que vivem como refugiados, deslocados e os que serão desmobilizados e que precisam ou precisarão de apoio governamental para poderem começar a refazer as suas vidas.



O Presidente Chissano quando era recebido pelo seu homólogo tunisino, Ben Ali. (Foto de Alfredo Mueche)